

O OUTRO E A POLÍTICA

Giovanna Quaglia¹

Texto produzido a partir do desenvolvimento e ajustes da fala² na “Roda de Conversa: Comunidade da Diferença”, por ocasião do Colóquio Internacional Miroslav Milovic³, promovido pelo Grupo Transdisciplinar de Estudos e Pesquisas Interinstitucionais – GTeia, vinculado à Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará – UFC, em homenagem ao professor da Universidade de Brasília- UnB, Miroslav Milovic (in memoriam), ocorrido em 27 de novembro de 2021.

“Boa tarde a todos... quero agradecer a possibilidade de estar aqui para falar do trabalho do Miroslav, da Comunidade da Diferença e rever colegas. O Miro (como o chamávamos) entra na minha vida de uma maneira diferente, não sou da filosofia e nem do direito, venho da psicanálise, sou psicanalista. E como conheço o Miro? Ele buscava, para seu curso na UnB, Direito como Potência, do Deleuze, alguém que pudesse falar no contraponto a Deleuze, falar de Lacan e trazer o discurso da psicanálise, uma vez que Deleuze escreveu Anti-Édipo com Guattari, e tinha toda a uma crítica à psicanálise, em especial ao desejo, ao inconsciente e ao complexo de Édipo. E foi assim que eu conheci o Miro, eu era alguém que poderia trazer uma leitura de Lacan para pensar o Direito como Potência.

Um marco muito forte desse encontro com Miro, é que eu venho do Campo Freudiano, faço parte da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. No Campo Freudiano temos como um dos grandes pensadores Jacques-Alain Miller. Jacques-Alain Miller faz uma leitura do pensamento de Lacan muito marcada pelas mudanças proferidas por Lacan em seu ensino a partir do Seminário 20 (1972/73), mais especificamente da sexuação e lógica do não-todo.

¹ Psicanalista. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise- Escola do Campo Freudiano. Mestre em Psicologia Clínica pela UNB. Psicóloga pela PUC-SP.

² Transcrição da fala na íntegra feita por Jane Weyne Ferreira de Menezes.

³ Colóquio Internacional Miroslav Milovic. 2021. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IGquBF5Tet0>. Acesso em: 08 fev 2022

Esse herdeiro de Lacan, que vem da filosofia, foi uma pessoa que Miro acompanhou entre suas buscas inconstantes e inquietantes na Europa e quando esteve na Espanha e na França, ele foi ouvinte dos seminários de Jacques-Alain Miller. Então, era como se o Miro entendesse um Lacan que a maioria das pessoas da cidade (Brasília) não entendiam e eu percebi que era desse entendimento, dessa leitura de Lacan, que nós chamamos de 'Ultimíssimo Lacan', que o Miro gostaria de trazer as reflexões no Direito como Potência. E aí eu entro para trabalhar com o Miro na questão do Anti-Édipo, a partir do Outro em Lacan.

Vou recuperar do livro 'Comunidade da Diferença', na contra capa encontramos: "Parece que toda a história da filosofia comete uma injustiça profunda, tematizando várias formas do Mesmo e esquecendo o Outro. Como, então, tematizar o Outro?" (MILOVIC, 2004).

Não vou ler tudo, mas foi nesse convite que eu entro para trabalhar com o Miro e debater Psicanálise e Filosofia, trazendo esse Outro. Um ponto importante para entendermos do que estou falando, eu não vou dar aula de Psicanálise, fiquem tranquilos, mas, um ponto importante é que, para a Psicanálise, para falar do Outro no último ensino de Lacan, iremos para a lógica apresentada no Seminário 20, pelo lado direito da sexuação, o lado feminino, que é o não-todo da sexualidade. As pessoas acham que na psicanálise trabalhamos somente com o todo da sexualidade, que é a herança falocêntrica, de uma leitura de alguns pós-freudianos, que trazem uma ideia masculina e falocêntrica à Psicanálise. E, a Psicanálise Francesa, o pensamento de Lacan, vai trazer essa questão de um não-todo da sexualidade, ou dito de outra maneira, encontrar a sexualidade como não-toda submetida ao falo. O que seria essa sexualidade como não-toda? É onde, então, da sexualidade entra a questão do feminino, aonde nós vamos trabalhar para além do todo e universal fálico, para além do universal da lógica aristotélica para uma lógica mais contemporânea onde podemos pensar o lado feminino, o não-todo. Quando estamos falando de 'não-todo' é 'não-todo' submetido a ordem fálica.

Lacan em 1970, adota uma posição radical com a declaração, que não há segundo sexo, há apenas o *heteros*. Não há a mulher como segundo sexo, mas apenas a relação com o parceiro sexual, para onde quer que se leve, o Outro está ausente: é a relação com um Outro que se esvazia, desvanece. É importante entender que quando Lacan diz isso ele não dá um privilégio do sexo feminino, mas

a mulher nos dá a ilustração desta figura do Outro, entre o centro e ausência. Centro, porque ela participa da função fálica através de seu parceiro no amor, ausência pois não participa dela, ausência que é, no entanto, um gozo ausência. Por isso, o parceiro tem muitas vezes pressa em habitar este lugar de sua presença.

Assim o não-todo não resulta de uma ausência, mas de uma relação onde há uma exceção que funda o universal da castração. Do lado feminino há o vazio, nada que possa negar a função fálica, pois ela não está presente. Esta inexistência fálica. Para o lado da mulher se torna o significante de que o grande Outro não está lá. O Outro não é ela! Ela se inscreve com o significante do Outro barrado.

Então, nós vamos trabalhar que, o que na sexualidade leva à relação com o Outro, exatamente o Outro grande, como está no livro colocado por Miro, será da ordem do *heteros* e é da alteridade, daquilo que não pode ser reabsorvido no Hum, é da alteridade que não é absorvida no Hum. É a ideia que Lacan vai falar no texto antecessor ao Seminário 20 (1972/73), 'Encore', que é o 'O Aturdito' (1973), onde ele escreve aquilo a que se chama sexo, é propriamente respaldando-se no não-todo, o *heteros* e que não pode ser estancado com o universal. E, se o objeto causa da escolha sexual está sempre do lado do não-todo da sexuação, do lado *heteros*, do lado que chamamos de feminino, podemos entender a surpreendente frase de Lacan, numa conclusão lógica que ele diz: 'chamemos heterossexual, por definição, aquele que ama as mulheres, seja qual for seu próprio sexo'.

Então, Lacan define aqui, ele não define o heterossexual como alguém, como um gênero ou uma identidade sexual, produto de uma identificação, mas, sim, como algo, como aquilo que, na sexuação do sujeito, aponta para um lado *heteros*, para um lado não todo, não fálico, do objeto assexuado.

Não se pode formar o universal de todas as mulheres, de modo que a estrutura do não-todo levará Lacan a subverter a concepção do vínculo social baseado no universal de "todos os homens", para um vínculo social concebido a partir do poder lógico do não-todo, pois ele tem precedência sobre a norma paterna. E isso era importante para o Miro, pois nessa linha podemos refletir que o que tende a ir além do conforme sem visar o consenso, responde à estrutura do não-todo, está imbuído do feminino lacaniano, e isso poderia ser uma potência.

Eu estou trazendo isso, porque isso era fundamental para o Miro e como a gente poderia fazer isso dialogar com a filosofia, que ele estava pensando no 'Direito como potência' e, nesse lugar, então, da diferença. Nesse lugar da diferença onde ela é para além dessas leis do objeto do mercado, ela é para além dos significantes que nomeiam essa lei de mercado. E aí, ele batia muito na tecla.

Eu devo confessar que a perda do Miro, para mim, foi realmente estrutural porque o meu diálogo com ele era algo difícil de se ter em Brasília, eu não consegui realmente me restabelecer. E acho essa iniciativa, muitas iniciativas da Rose, de continuar essa fala é importante porque, para mim, na minha alteridade, na minha ruptura como não-toda fálica, algo do meu lado fálico com a perda do Miro ficou no silêncio, no mutismo feminino, fora da linguagem, fora desse Outro, do significante. E essa era uma questão lançada ao trabalho, que ele falava ao propor pensarmos o desejo.

E foram muitas as conversas... Bem, o desejo como falta, ou o desejo não como falta, mas é impressionante que ele bateu muito nessa reflexão, na crítica a herança de Hegel, quando ele traz a falta, o desejo do Outro. Para mim é impressionante que aquele que tanto trouxe que o objeto não falta, nas falas de todos nós, prova para mim que o desejo é falta, pois o desejo é causa de desejo e, na perda do objeto, o que nos faz sustentar atrás da causa é a causa do desejo, é a falta exatamente daquele objeto que nos causou ... que foi perdido.

Então, eu queria terminar assim falando exatamente que eu acho que o que nós estamos fazendo viver o desejo no sentido do que nós trabalhamos na psicanálise como causa, e não como objeto a ser alcançado e, sim, como aquele objeto perdido e que esse objeto perdido mantém em nós uma potência que nos leva adiante. E, de alguma maneira, para mim, o Miro, com suas disciplinas, com tudo, com a grande mudança que ele causou na minha vida, na minha escrita, na minha relação com a psicanálise, com a possibilidade da minha transmissão a outros colegas, dos seus ensinamentos, do seu diálogo. E, ele, para mim, é um objeto perdido que me causa continuar. Então, eu vivi um luto, mas eu vejo pela fala de todos que realmente Miro causou desejo. É isso. Obrigada.”

WÄHLE DIE
KANZLERIN
CDU

A billboard advertisement for the CDU (Christian Democratic Union) in Germany. The billboard features a photograph of a woman with short blonde hair, wearing a bright green blazer, with her hands clasped in front of her. The background of the photo is a bright, hazy sky. The text 'WÄHLE DIE' is in a smaller font above the large, bold word 'KANZLERIN'. In the bottom right corner of the billboard, the CDU logo is displayed in red text on a white rectangular background.

STROER

A vertical sign on a dark grey post. The word 'STROER' is written in white, bold, capital letters, oriented vertically from bottom to top.